

RESTRIÇÕES DE OCORRÊNCIA DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: GRAMÁTICA ADULTA E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Sabrina Casagrande¹

sabrina.casagrande@uffs.edu.br

RESUMO: Estudos preliminares (Cyrino (1997), Duarte (1989)) mostram que o preenchimento da posição de objeto direto anafórico (ODA) em Português Brasileiro (PB) depende dos traços de animacidade e especificidade do antecedente do ODA. Nesta investigação, aventou-se a hipótese de que a perfectividade do verbo parece também influenciar o preenchimento da posição de ODA. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar se perfectividade interfere no preenchimento desta posição, especialmente no que se refere ao processo de aquisição do PB. Para tanto, aplicamos três experimentos de produção eliciada a 70 crianças na faixa etária de 2-6 anos. Lopes (2009), observando a aquisição do ODA, mostrou que há uma mudança na gramática infantil, que inicialmente produz apenas objetos nulos dêiticos e, a partir do momento em que o traço de perfectividade é especificado na gramática da criança, o nulo anafórico passa a ser produzido. Os dados aqui analisados mostram que a gramática infantil passa por uma mudança posterior a essa: deixa de produzir apenas objetos nulos anafóricos (com formas perfectivas e imperfectivas do verbo), dando lugar, também, a DPs plenos e pronomes lexicais, que parecem crescer em maior número com formas perfectivas, o que, segundo nossos resultados, indica um caminho em direção à gramática adulta. No entanto, o destaque nos resultados é o fato de que o traço de especificidade (e não o de animacidade) se mostrou bastante forte, o que parece sinalizar novos horizontes para a investigação do ODA, em relação ao que vimos nos estudos preliminares.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da linguagem; Preenchimento da posição de objeto direto anafórico; Objeto nulo; Pronome lexical.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta e discute resultados encontrados por Casagrande (2010), que procedeu a uma investigação sobre as restrições de ocorrência do objeto direto anafórico (daqui em diante ODA) com crianças adquirindo o Português Brasileiro (daqui em diante PB). Naquela investigação, procuramos analisar se há correlação entre a perfectividade do verbo e o elemento anafórico empregado em posição de ODA. Mais especificamente, procuramos investigar se o fato de o verbo estar na forma perfectiva favorece o preenchimento da posição de ODA, por pronome lexical ou DP pleno, e se a forma imperfectiva do verbo favorece o

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS – Campus Realeza.

objeto nulo. Diante disso, o objetivo deste trabalho (que analisa o processo de aquisição da linguagem na perspectiva gerativista) é analisar o quanto a perfectividade do verbo interfere no preenchimento da posição de ODA em PB. A hipótese aqui investigada é que a forma perfectiva do verbo favoreceria o preenchimento da posição de ODA, por pronome lexical ou DP pleno, e que a forma imperfectiva do verbo favorece o objeto nulo.

Estudos prévios, que investigaram a realização do objeto direto anafórico em PB, têm mostrado que parecem ser os traços de animacidade e especificidade do antecedente que controlam o preenchimento da posição de ODA em PB (cf. Cyrino (1994, 1997), Lopes & Cyrino (2005), Duarte (1989)). Dados de Cyrino (1997), conforme veremos, mostraram que o traço de animacidade do antecedente parece ser um forte candidato a explicar a mudança ocorrida com os clíticos acusativos de terceira pessoa, que levou ao aparecimento do objeto nulo e do pronome lexical, na gramática do PB. Segundo ela, estes mesmos traços continuam a direcionar o preenchimento da posição de ODA em PB atual, fato que se mostrou claro dos dados de Duarte (1989).

Além dos traços de animacidade e especificidade do antecedente, aventou-se, na pesquisa realizada, a possibilidade de aspecto gramatical também estar, de alguma forma, envolvido na realização do ODA. Lopes (2007, 2009) mostrou que parece haver uma relação entre aspecto e o preenchimento da posição de ODA na aquisição do PB. Por conta disso, resolvemos analisar se de fato há esta correlação no Português Brasileiro, tanto nos dados adultos, quanto e especialmente, nos dados infantis.

Para tanto, além de realizar testes de julgamento de gramaticalidade entre adultos falantes nativos do PB, aplicamos experimentos de produção eliciada a 70 crianças adquirindo o PB na faixa etária de 2 a 6 anos de idade. Indispensável dizer que se constituiu um grupo de controle adulto para tais testes, que também nos auxiliou na observação de como está se dando o preenchimento da posição de ODA na gramática adulta do PB.

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, apresentamos estudos preliminares sobre a realização do objeto direto anafórico em PB, tanto no que se refere aos dados adultos, quanto com relação aos dados infantis. Na seção 2, são analisados dados de julgamento de gramaticalidade por parte de adultos falantes nativos do PB. Já na seção 3, discutimos quais as restrições de preenchimento da posição de ODA em dados experimentais de aquisição. A seção 4 finaliza este artigo, sinalizando para futuras investigações.

1. O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO: ESTUDOS PRELIMINARES

1.1. O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NOS DADOS DIACRÔNICOS E SINCRÔNICOS

Estudos anteriores² sobre o preenchimento da posição de ODA no PB têm sinalizado que dois traços semânticos – animacidade e especificidade – parecem determinar a escolha do elemento a ser empregado em posição de ODA. Como já é sabido, a gramática do PB já não conta mais com o clítico acusativo de terceira pessoa, exemplo (1), que desapareceu do paradigma pronominal do PB, conforme mostra Cyrino (1994, 1997).

(1) Comprei *a calça_i* depois que *a_i* experimentei.

Os dados de Cyrino mostraram que o traço de animacidade do antecedente, aliado ao traço de especificidade, parece ser um forte candidato a explicar a mudança ocorrida com os clíticos acusativos de terceira pessoa, que levou ao aparecimento do objeto nulo e do pronome lexical (exemplos (2) e (3) respectivamente).

(2) Comprei *este casaco_i* depois que experimentei [*J_i*]³.

(3) Encontrei *o João_i* no shopping e vi *ele_i* no cinema.

Além do objeto nulo e do pronome lexical, uma terceira possibilidade é usada pelos falantes para a retomada anafórica: a repetição do DP antecedente, conforme temos abaixo:

(4) Procurei *o gato_i* pela casa toda, mas não encontrei *o gato_i* em lugar nenhum.

Conforme a autora, os primeiros clíticos atingidos, historicamente, pela queda foram aqueles cujo traço semântico era [-animado], como vemos nos exemplos em (5), retirados de Cyrino (1997: 276):

(5) a. “Que é isso sobrinho?”

“Eu não *o* sei em minha consciência” (Antonio José. Guerras de Alecrim e Manjerona, p. 236)

² Cyrino (1994, 1997), Lopes & Cyrino (2005), Duarte (1989)

³ O símbolo [*J*] será usado, no decorrer do texto, para sinalizar o objeto nulo.

b. “Pois *como há aqui outro, fora D. Fuás?*”

“Eu não sei [], em minha consciência, que é má” (Antonio José. Guerras de Alecrim e Manjerona, p. 220)

A queda do clítico, posteriormente, atingiu aqueles antecedentes cujo traço era [-animado, +específico], exemplo (2) acima, sendo que os clíticos que retomavam antecedentes [+animado], exemplo (3), foram os últimos atingidos pela queda. De acordo com os dados de Cyrino, o objeto nulo vai ganhando espaço entre os antecedentes [-animado]. Este traço semântico faz com que o número de nulos, especialmente quando o antecedente é [+específico], suba ainda mais no século XIX, atingindo uma porcentagem de 49%:

Século	DP [+a, +e]	DP [-a, +e]	DP [+a, -e]	DP [-a, -e]
XVI	1% (1/78)	5% (3/61)	3% (1/8)	8% (2/26)
XVII	7% (2/31)	3% (2/69)	4% (1/24)	23% (15/61)
XVIII	5% (1/21)	8% (8/99)	0	6% (2/32)
XIX	2% (1/46)	49% (37/75)	0	8% (1/12)
XX	0	87% (64/74)	57% (4/7)	93% (27/29)

Tabela 1 (adaptada de Cyrino (1997: 247/248)): objetos nulos de acordo com o traço semântico do antecedente (numerador: objeto nulo; denominador: objeto nulo + objeto preenchido)

É interessante notar que os dados de antecedentes [+a, -e], em números absolutos, são bem pequenos em todos os séculos. A tabela ainda mostra que quando o traço [-animado] se une ao traço de especificidade, o número de objetos nulos aumenta já no século XIX (especialmente com antecedentes [-animado, +específico]); já os antecedentes [-a, -e] aumentam com destaque apenas no século XX. Isso mostra a interação dos traços [-animado] e [+específico], privilegiando a retomada pelo objeto nulo.

Cyrino (1999) mostra que, em relação aos antecedentes do objeto nulo, os dados apresentados em sua pesquisa diacrônica são confirmados pelos dados sincrônicos: os

antecedentes do objeto nulo são, em sua grande maioria, [-a]. Nos dados diacrônicos escritos, 95,8% dos antecedentes do objeto nulo são [-a], enquanto nos dados do NURC (dados sincrônicos), quase 85% dos antecedentes são [-a].

Segundo a autora, “os resultados confirmam as pesquisas sincrônicas e diacrônicas existentes: o objeto direto nulo do PB é preferencialmente [-animado] e ocorre em qualquer tipo de estrutura, seja ilha ou não” (Cyrino, *op.cit.*: 618).

Duarte (1989), utilizando-se de um *corpus* proveniente de gravações de fala natural, obtidas através de entrevistas com 50 paulistanos nativos, e de dados de televisão (novelas e entrevistas de TV), observou a ocorrência do objeto nulo em dados sincrônicos. Seus resultados também mostram que os traços semânticos de animacidade e especificidade são bastante significativos para a escolha do elemento a ser usado em posição de ODA. Assim, o traço [+/- animado] do antecedente foi decisivo na escolha do preenchimento ou não do objeto. Nos dados de Duarte, os usos do clítico⁴ e do pronome lexical são favorecidos quando o antecedente é [+animado], enquanto que o traço semântico [-animado] favorece o uso do objeto direto nulo ([SNe]) e dos DPs plenos (SNs anafóricos).

O que temos, analisando os dados mostrados até aqui, é que não parece haver dúvida de que os traços semânticos mencionados definem qual elemento empregar para retomar um antecedente em posição de ODA. No entanto, há ainda um espaço para dúvida, como veremos em seguida.

1.2. O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NA FALA INFANTIL

Além da contextualização feita na seção anterior, é importante aqui fazermos um breve relato de duas pesquisas que analisaram o preenchimento da posição de ODA na fala infantil: Casagrande (2007) e Lopes (2009).

Casagrande (2007), analisando dados de produção espontânea de três crianças entre 1;6 e 3;7⁵, mostrou que, no que se refere ao preenchimento da posição de ODA na aquisição do PB, o objeto nulo dêitico é predominante nos períodos iniciais da aquisição. No entanto, a partir de um determinado momento, o objeto nulo anafórico passa a ser a opção preferida pelas crianças na retomada do antecedente, ficando os nulos dêiticos em segundo plano.

⁴ Importante destacar que, segundo os dados de Duarte, os clíticos acusativos de terceira pessoa são empregados somente em contextos formais e por pessoas com alto grau de escolaridade. Nos dados, os clíticos somaram um total de 4% dos dados, enquanto as demais opções anafóricas (DP pleno, pronome lexical e objeto nulo) somaram 96%.

⁵ AC (1;8;12 – 3;7,6), G (1;10,21 – 3;6, 28) e R (1;6,29 – 3;2,06). Os dados de AC e G são do banco de dados do CEAAL – PUCRS e os dados de R. são do banco de dados do CEDAE/IEL/UNICAMP.

Dados de Lopes (2009) mostram que há uma diminuição considerável no uso de formas imperativas nos dados das crianças analisadas por ela, à medida que o tempo passa, conseqüentemente, também o número de objetos nulos dêiticos diminuem já que boa parte desses nulos são licenciados pelo imperativo. A autora procurou mostrar que há uma ligação entre essa diferença de ocorrência entre objetos nulos dêiticos e objetos nulos anafóricos e a especificação dos traços de aspecto (AspP) na gramática da criança. Segundo sua hipótese, tanto objeto nulo quanto elipse de VP em PB seriam licenciados por aspecto. Nos dados infantis, inicialmente os traços de aspecto não são especificados, apenas os traços de tempo. Além disso, as sentenças imperativas são predominantes no período inicial da aquisição, o que coincide com o período em que os objetos nulos dêiticos são predominantes na gramática infantil.

Uma vez que os traços de aspecto não estão completamente especificados (ou estão subespecificados) inicialmente na gramática da criança, não é de esperar, então, que objeto nulo anafórico e elipse de VP estejam presentes inicialmente (o que os dados parecem confirmar). Segundo a autora, as sentenças imperativas são somente capazes de licenciar o objeto nulo dêitico. Já quando os traços de perfectividade passam a ser computados pela criança, o núcleo lexicalizado por Asp⁰, para onde o verbo sobe, licenciará os objetos nulos anafóricos. Lopes mostra, então, que haveria, na gramática infantil, uma convergência de fenômenos: ao mesmo tempo em que o traço de perfectividade de AspP é definido na gramática da criança, objetos nulos anafóricos passam a ser produzidos.

O que temos, dessa forma, é que parece haver uma correlação entre a definição da perfectividade do verbo e a ocorrência do objeto nulo anafórico na fala infantil. Está aí, então, um dos espaços para dúvida, mencionado no final da seção anterior. Além disso, a percepção de que a perfectividade parece, de fato, contribuir para a decisão do elemento a ser empregado em posição de ODA se mostra quando analisamos as sentenças abaixo:

- (6) a. Na minha casa sempre tem *mamão*_i porque eu como []_i todos os dias.
b. *Na minha casa sempre tem *mamão*_i porque eu como *ele*_i todos os dias
c. *Eu não compro [*um gato preto*]_i porque meu namorado detesta *ele*_i
d. Eu não comprei [*um gato preto*]_i porque o meu namorado detestou *ele*_i

Observe que nas sentenças acima em que o antecedente é [-específico] e o verbo está na forma do aspecto imperfectivo (exemplos (a), (b) e (c)) o objeto nulo parece categórico em comparação com o pronome. Veja que essa restrição parece ser consequência do uso da forma

imperfectiva do verbo, em união com o traço de especificidade, já que a mudança de aspecto do imperfectivo para o perfectivo parece permitir o emprego do pronome, como temos em (d). Com o verbo na forma do imperfectivo, a retomada com “detesta” é de “gatos pretos” em geral. Já o verbo na forma do perfectivo – “detestou” – retoma o antecedente dando-lhe uma interpretação específica (o gato preto), diferentemente do que ocorre com o imperfectivo, que generaliza o antecedente⁶.

Diante, então, da possibilidade de entrar em jogo uma nova peça (perfectividade) no entendimento do fenômeno do objeto direto anafórico em PB, partimos para a investigação disso em dados adultos e nos dados infantis. Na seção que segue, apresentamos brevemente um cenário para a gramática adulta e, posteriormente, discutiremos os resultados dos experimentos que foram aplicados a crianças adquirindo o PB, com o intuito de mapear o fenômeno no processo de aquisição da linguagem.

2. TESTANDO PERFECTIVIDADE NO PREENCHIMENTO DO ODA: BREVE DISCUSSÃO DA GRAMÁTICA ADULTA

Antes mesmo de seguirmos para a análise do preenchimento da posição de ODA na gramática infantil, vamos analisar brevemente o quadro para a gramática adulta. Este quadro é decorrente de resultados obtidos, em Casagrande (2010), pela aplicação de testes *off-line* a 27 falantes adultos do PB nos quais testamos a ocorrência de objeto nulo e pronome lexical em função da animacidade e especificidade do antecedente e da perfectividade do verbo. Como o objetivo é apenas situar o fenômeno na gramática adulta, para a posterior análise da gramática infantil, não procederemos à análise exaustiva dos resultados, apenas apresentando um quadro panorâmico.

Os testes foram organizados da seguinte forma: algumas sentenças eram dadas ao falante e a orientação era que ele as julgasse como ruim – colocando (*) – ou boa – colocando

⁶ Essa diferença entre as sentenças (6c) e (6d) parece também ter relação com a diferença existente entre sentenças genéricas e sentenças episódicas. De modo geral, as sentenças episódicas se referem a situações específicas, ancoradas no tempo que podem ou não estar concluídas, como temos em (i). Já as sentenças genéricas dão informações sem, no entanto, nenhuma indicação de tempo ou de um fato ou situação específica, como temos em (ii):

- (i) a. Ontem, eu comi torta de morango
- b. No ano passado, muitos brasileiros ficaram desempregados por causa da crise mundial
- (ii) a. A Maria come muito
- b. Mulher reunida sempre faz fofoca

(OK). Em (7) temos um exemplo de um conjunto de sentenças que os falantes avaliaram:

- (7) a. Eu faço desenho e depois a minha irmã *pinta* []
b. Eu ganho presente e a minha mãe sempre *guarda* []
c. Lá em casa tem banana e eu *como* [] todo dia

Todas as sentenças testadas eram coordenadas e o antecedente, a ser retomado, estava sempre em posição de objeto direto, como podemos notar no exemplo (7). Foram testadas todas as possibilidades de ocorrência de objeto nulo (ON) e pronome lexical (PRO) com formas de perfectivo (PERF) e imperfectivo (IMP), antecedentes [\pm específico] e também [\pm animado], somando um total de 8 contextos diferentes. Por exemplo, no conjunto em (7), testamos a ocorrência do objeto nulo com antecedentes não específicos [-e] (*desenho, presente, banana*) e o verbo na forma do imperfectivo (*pinta, guarda, como*).

Os resultados foram analisados tendo atenção para dois aspectos: (i) investigar se a perfectividade do verbo influencia na escolha entre objeto nulo e pronome lexical e (ii) avaliar se há preferência por objeto nulo com antecedente [-animado] e por pronome lexical com antecedente [+animado], ou seja, se animacidade, de fato, determina a escolha por ON ou PRO. A hipótese da qual partimos para análise dos dados abaixo é que não mais animacidade é o fator determinante na escolha do elemento em posição de ODA, mas sim perfectividade do verbo (conforme sinalizamos no final da seção anterior). Mais ainda, partimos da hipótese de que o verbo na forma do perfectivo favorece o preenchimento da posição de ODA por pronome lexical ou DP pleno e que o verbo na forma imperfectiva favorece a ocorrência do objeto nulo.

Na tabela abaixo podemos ver se o elemento anafórico testado (objeto nulo – ON – ou pronome lexical – PRO) é gramatical (GRAM) ou agramatical (AGRAM) em cada contexto avaliado. Para que o leitor possa entender como os dados se apresentam na tabela, perceba que quando testado o uso do objeto nulo e do pronome lexical com verbos na forma imperfectiva e com antecedentes [-a, -e], os testes mostraram que os falantes julgaram o objeto nulo como gramatical e o pronome lexical como agramatical: enquanto o ON foi considerado gramatical em 90% dos casos, o pronome lexical foi assim julgado em apenas 25% das situações. Observe o que ocorre com cada contexto:

Imperfeito			Perfeito		
[-a, -e]					
ON	GRAM.	90	ON	GRAM.	98
	AGRAM.	10		AGRAM.	2
PRO	GRAM.	25	PRO	GRAM.	38
	AGRAM.	75		AGRAM.	62
[+a, -e]					
ON	GRAM.	75	ON⁷	GRAM.	53
	AGRAM.	25		AGRAM.	47
PRO	GRAM.	0	PRO	GRAM.	13
	AGRAM.	100		AGRAM.	87
[-a, +e]					
ON	GRAM.	92	ON	GRAM.	91
	AGRAM.	8		AGRAM.	9
PRO	GRAM.	76	PRO	GRAM.	92
	AGRAM.	24		AGRAM.	8
[+a, +e]					
ON	GRAM.	17	ON	GRAM.	31
	AGRAM.	83		AGRAM.	69
PRO	GRAM.	87	PRO	GRAM.	80
	AGRAM.	13		AGRAM.	20

Tabela 2 (adaptado de Casagrande (2010: 112-141): julgamentos de gramaticalidade para objeto nulo e pronome lexical em cada contexto testado.

Sumarizando os resultados da tabela acima, podemos visualizar melhor quais são as opções consideradas gramaticais em cada contexto.

Imperfeito		Perfeito	
[-a, -e]			
NULO		NULO	
[+a, -e]			
NULO		NULO	
[-a, +e]			
NULO PRONOME		NULO PRONOME	
[+a, +e]			
PRONOME		PRONOME	

Tabela 3 (Casagrande (2010: 144): Ocorrência de objeto nulo e pronome de acordo com os traços de animacidade e especificidade do antecedente para as formas de imperfeito e perfeito no teste de julgamento de gramaticalidade para os adultos

Uma observação dos resultados para os antecedentes [-a, -e] e [+a, -e] nos mostra que,

⁷ O cálculo de significância estatística mostrou que há influência da opção anafórica (pronome lexical ou objeto nulo) sobre a gramaticalidade das sentenças. Isso significa que o objeto nulo é, de fato, a opção gramatical para este contexto, quando em comparação com o pronome lexical.

independentemente da animacidade do antecedente e da perfectividade do verbo, os antecedentes [-e] não aceitam a retomada pelo pronome lexical. Nestes casos, apenas o objeto nulo é a forma anafórica gramatical, de acordo com o julgamento dos falantes consultados.

Os antecedentes [-a, +e], ao contrário daqueles não específicos, aceitam, além do objeto nulo, também o pronome lexical. Sendo assim, podemos notar aqui que o traço de especificidade parece estar influenciando o preenchimento da posição de ODA. Também em relação aos antecedentes [+a], o traço de especificidade se mostra relevante, já que nos casos em que o antecedente é [-e], o objeto nulo é possível, já no caso em que o antecedente é [+e], apenas o pronome é possível.

Observando se há interferência da perfectividade do verbo sobre a gramaticalidade das sentenças com pronome e objeto nulo, com antecedentes [-a, +e] vimos que, quando avaliado o pronome, este é privilegiado quando o verbo está na forma do perfectivo. Desse modo, temos aqui um dado que corrobora nossa hipótese de que a perfectividade do verbo interfere na retomada anafórica do elemento.

Há um segundo caso em que a perfectividade parece ser relevante: aquele em que se compara o uso do objeto nulo com antecedente [+a, -e] (e esse antecedente está no singular nu⁸) – no qual há diferença de gramaticalidade de acordo com o aspecto. Neste caso, o objeto nulo é possível quando o verbo está no imperfectivo, mas não quando está no perfectivo, o que vai de acordo com a hipótese de que o imperfectivo favoreceria o uso do objeto nulo. Já quando o nome está no plural nu⁹, tanto no perfectivo quanto no imperfectivo o objeto nulo é possível¹⁰.

Em oposição aos antecedentes [-a, +e] que aceitam pronome e nulo, os antecedentes [+a, +e] podem ser retomados, de acordo com a avaliação dos falantes, somente pelo pronome lexical; o objeto nulo não é uma possibilidade para esse caso. Veja que aqui a animacidade do antecedente é um elemento importante na retomada do elemento em posição de ODA: nos contextos em que o antecedente é [+a], independentemente do aspecto do verbo, somente o pronome lexical é opção possível para os falantes, como podemos ver nas tabelas acima.

Veja que o objeto nulo é possível em quase todos os contextos, exceto naqueles

⁸ Por exemplo: *Eu vi turista perdido na rua e ajudei [] vs. Sempre que eu vejo turista perdido na rua eu ajudo []*.

⁹ Por exemplo: *Eu vi turistas perdidos na rua e ajudei [] vs. Sempre que eu vejo turistas perdidos na rua eu ajudo []*.

¹⁰ Já havíamos sinalizado, em Casagrande (2010), que haveria necessidade de uma nova avaliação das interferências que o singular nu e o plural nu apresentam sobre o preenchimento da posição de ODA, especialmente na interação com a perfectividade do verbo.

em que se têm antecedentes [+a, +e]. O pronome lexical, por outro lado, só ocorre quando os antecedentes são [+e], independentemente da animacidade. Fica claro, aqui, então, que a especificidade parece ser fator decisivo na avaliação dos falantes, já que determina, de um lado – antecedentes [-e], um contexto exclusivo de ocorrência do objeto nulo – e de outro, – antecedentes [+e], contexto em que o pronome ocorre de forma exclusiva (ou seja, pronomes foram considerados gramaticais com antecedentes [+e], mas não com antecedentes [-e]).

Como pudemos ver nas tabelas acima, o que parece estar acontecendo é uma forte restrição ao pronome lexical nos contextos em que o antecedente é [-específico]. Nesse caso, então, ao invés de termos uma correlação entre perfectividade e objeto, temos sim uma correlação entre a especificidade do antecedente e o preenchimento da posição de ODA. Tal restrição não parece ter aparecido tão fortemente nos estudos anteriores relacionados ao assunto (cf. DUARTE (1989), CYRINO (1997)).

Diante deste quadro, poderíamos dizer que é o traço de especificidade que parece estar guiando a criança no preenchimento da posição de ODA, já que os resultados para [-e] e [+e] são diferentes (apenas entre os antecedentes [+e] o traço de animacidade é levado em conta). Seguimos, então, à próxima seção para acompanhar os resultados dos experimentos aplicados a crianças adquirindo o PB.

3. A AQUISIÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NOS DADOS EXPERIMENTAIS

Esta seção traz resultados referentes à aplicação de três experimentos de produção eliciada a 70 crianças adquirindo o PB na faixa etária de 2 a 6 anos de idade.

Procuramos desenhar todos os experimentos de modo a que pudéssemos avaliar o preenchimento da posição de ODA e, além disso, como os traços de animacidade e especificidade do antecedente, juntamente com a perfectividade do verbo que retoma o antecedente dado, definem esse preenchimento. Em última instância, procurávamos observar se a correlação entre perfectividade e objeto está presente nos dados infantis, como a gramática infantil se desenvolve e se ela aponta para a gramática adulta.

Os experimentos de produção eliciada, descritos nesta seção, tinham como objetivo avaliar se as crianças apresentavam preferência pelo objeto nulo com verbos na forma do imperfectivo (forma progressiva) e pelo objeto preenchido (DP pleno ou pronome lexical) com verbos na forma do perfectivo (pretérito perfeito). Os experimentos foram desenvolvidos com base em Wexler, Gavarro & Torrens (2003) que realizaram a tarefa de elicitación com o objetivo de observar se as crianças adquirindo espanhol e catalão omitiam

clíticos¹¹.

3.1. EXPERIMENTO 1

3.1.1. OS DADOS INFANTIS

3.1.1.1. MÉTODO

Participantes

Participaram deste experimento 44 crianças entre 2 e 6 anos de idade, divididas em 4 faixas de idade: 7 crianças entre 2-3 (média de 2;5), 7 crianças entre 3-4 (média de 3;2), 9 crianças entre 4-5 (média de 4;5) e 16 crianças entre 5-6 (média de 5;6)¹².

Materiais

Para a aplicação do experimento, lançamos mão de figuras que compunham uma história que era contada para a criança. As figuras foram mostradas por meio de *slides* em computador. Além delas, uma boneca da personagem Emília, do Sítio do Pica-pau Amarelo, e um fantoche (que foi nomeado de Zezé) foram utilizados para interagir com a criança. Além das histórias que continham os elementos a serem testados, o conjunto experimental também era composto de estorinhas que continham distratores.

Para esse experimento, todos os antecedentes testados eram [-a, +e]. Sendo assim, foi possível testar a perfectividade do verbo em função dos traços de animacidade e especificidade do antecedente. Desse modo, poderíamos testar se há alguma relação entre a perfectividade e esses traços que controlam o uso de objeto preenchido (DP pleno ou pronome) e objeto nulo na gramática infantil.

Procedimentos

Em todos os experimentos infantis aqui reportados, as crianças foram todas testadas

¹¹ Importante lembrar que o experimento desenvolvido é bastante semelhante, como bem indicaram os autores, àquele desenhado por Schaeffer (2000).

¹² 5 crianças iniciaram o teste, mas não o completaram, sendo que os dados dessas crianças não foram levados em conta para o resultado final do experimento.

individualmente, em ambiente fora da sala de aula e sem a presença do professor¹³. Antes de começar o experimento, nós dizíamos para a criança: “Nós vamos brincar com a Emília. A Emília vai ficar de olhos vendados e eu vou te contar estorinhas. Tu¹⁴ vai ter que prestar bastante atenção porque no final de cada estorinha eu vou te fazer uma pergunta”. Ao final da estória, perguntávamos para a criança “o que X tá fazendo com Y” para a condição do progressivo e “o que X fez com Y” para a condição de perfectivo.

Um exemplo do teste está abaixo, com a condição de progressivo:



Figura 1 (Casagrande (2010: 185)): Figuras-teste do experimento 1

Exp¹⁵.: Olha o que temos aqui, melancia. A Magali vê as melancias e pensa “hummm, que fome”.y

Fantochê: Eu sei o que a Magali faz: Ela lava as melancias.

Exp.: Não, Zezé. Criança, diz pro Zezé o que a Magali tá fazendo com *as melancias*?

Resposta esperada: tá comendo (vazio/elas/as melancias)

Veja que a pergunta-teste deixava clara a característica do antecedente (O que a Magali tá fazendo com *as melancias*?). Importante dizer que houve sempre um período de familiarização da criança com o experimento.

3.1.1.2. RESULTADOS

Após contabilizar todos os resultados, observamos que as crianças utilizaram ou o objeto nulo ou o DP pleno para a retomada em posição de ODA; nenhum pronome lexical foi utilizado nas respostas para a retomada dos antecedentes [-a, +e]. A tendência observada, no decorrer da idade, é que enquanto o objeto nulo começa ocorrendo em 100% das vezes, o DP pleno não ocorre na primeira faixa etária, mas vai se tornando mais frequente com o aumento

¹³ Todos os experimentos foram realizados com crianças que frequentavam a educação infantil em escola municipal.

¹⁴ As crianças que participaram do experimento são da região sul de Santa Catarina em que se usa o pronome de segunda pessoa “tu” e não o “você”, por isso o uso desta forma de segunda pessoa na orientação das atividades.

¹⁵ Exp.=experimentador

etário, tanto para imperfeito quanto para perfectivo. Ao que parece, no entanto, essa frequência aumenta mais com perfectivos que com imperfeitos.

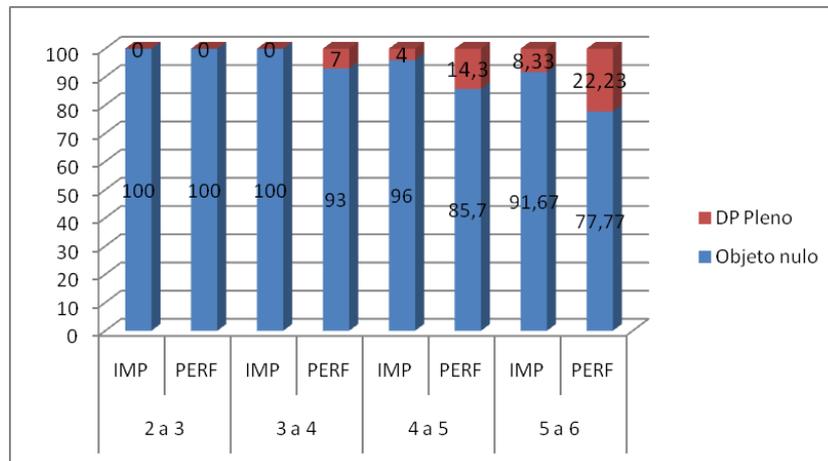


Figura 2 (Casagrande (*op.cit.*: 187): Porcentagem de objeto nulo e DP pleno com formas de imperfeito e perfectivo para antecedentes [-a, +e] em cada idade

Para observar se a diferença de uso do DP com perfectivos e imperfeitos realmente existe, realizamos um teste de significância que mostrou que essa diferença não é significativa para a faixa-etária de 4-5¹⁶, mas o é para a faixa de idade dos 5-6 anos¹⁷, o que parece mostrar que há uma correlação entre idade e uso do DP com diferentes formas aspectuais.

Somando-se todas as ocorrências de objeto nulo e DP pleno para imperfeito e perfectivo para todas as faixas etárias temos o resultado no gráfico abaixo:

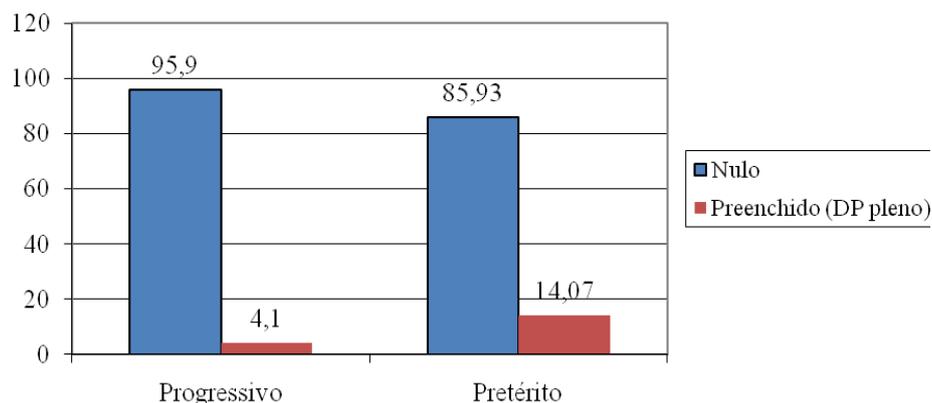


Figura 3 (Casagrande (*op.cit.*: 188): Porcentagem de objeto nulo e objeto preenchido (DP pleno) com formas de imperfeito e perfectivo

¹⁶ Foi aplicado o teste de Fisher que deu como resultado um valor de $p=0.35$.

¹⁷ Neste caso, o teste do qui-quadrado mostrou um valor de $p=0.009$.

Ainda que as porcentagens de retomada por objeto preenchido sejam bastante menores que as porcentagens de retomada por objeto nulo, observe que o uso do DP pleno (objeto preenchido) é predominantemente usado com o perfectivo. O teste do qui-quadrado mostrou um valor de $p=0.0091$, o que mostra que a perfectividade do verbo parece influenciar o preenchimento da posição de ODA, indicando que a diferença entre o uso do DP pleno com o perfectivo e com o imperfectivo é significativa.

Podemos concluir, então, que apesar de o objeto nulo ser a opção predominante de retomada para antecedentes [-a, +e], tanto com perfectivos quanto com imperfectivos, quando se observa o emprego do DP pleno, nota-se que este é mais significativamente usado com o perfectivo que com o imperfectivo, o que indica que o perfectivo favorece o uso do DP pleno (objeto preenchido), quando comparado ao imperfectivo. Observemos, agora, qual foi o resultado para o grupo de controle adulto.

3.1.2. GRUPO DE CONTROLE ADULTO

Participaram do grupo de controle 9 adultos falantes nativos de PB. Estes falantes avaliaram as mesmas histórias avaliadas pelas crianças, incluindo-se os distratores¹⁸. As opções utilizadas pelos adultos para responder ao teste foram: objeto nulo, DP pleno e pronome lexical (apenas 1 ocorrência). O resultado para cada opção está no gráfico abaixo:

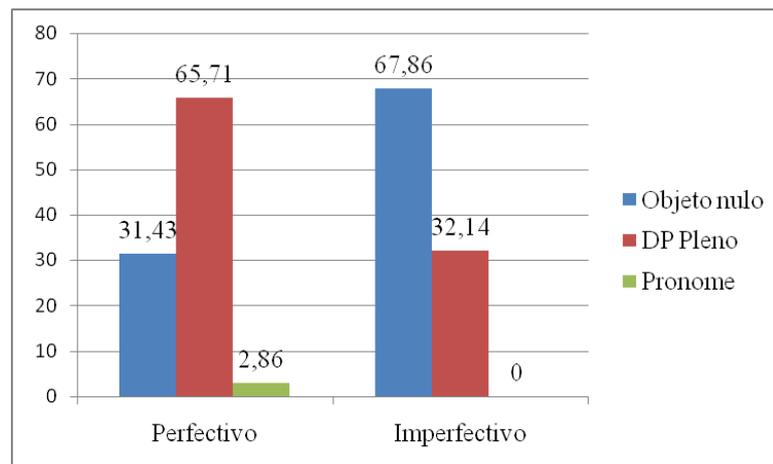


Figura 4 (Casagrande (*op.cit.*: 189)): Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome para as formas de imperfectivo e perfectivo para os adultos.

Aplicamos o teste do qui-quadrado, observando se o aspecto verbal influencia

¹⁸ Isso vale também para os demais experimentos.

significativamente no preenchimento da posição de ODA por objeto nulo ou objeto preenchido, que teve resultado positivo ($p=0.005$), indicando uma correlação significativa entre perfectividade e elemento anafórico empregado em posição de ODA (objeto preenchido vs. objeto nulo). Sendo assim, o que podemos dizer é que os dados de controle adulto mostram que, para os antecedentes [-a, +e], parece realmente haver efeito de aspecto para o preenchimento da posição de ODA, com o perfectivo favorecendo o uso do DP pleno e o imperfeito favorecendo o uso do objeto nulo.

Observando os dados da figura 5, que unem os dados das crianças aos dados dos adultos, podemos ver que os dados infantis caminham em direção à gramática adulta:

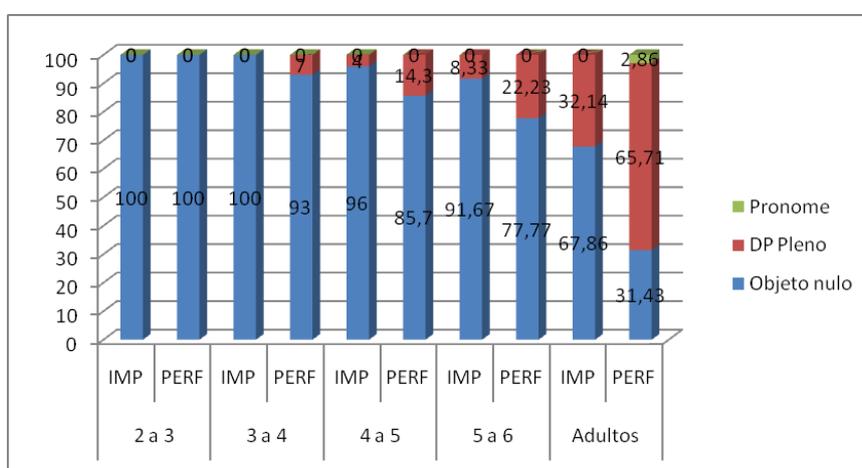


Figura 5 (Casagrande (*op.cit.*: 190)): Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome para as formas de imperfeito e perfectivo para crianças e adultos.

Como podemos observar, as crianças, na faixa de 2-3, empregam apenas o objeto nulo, tanto com perfectivo quanto com imperfeito. Na faixa etária de 3-4, o objeto nulo continua sendo a forma categórica de retomada dos antecedentes dados, para o verbo no imperfeito. Já com o verbo na forma perfectiva, o DP pleno aparece pela primeira vez, ainda que de forma tímida (o objeto nulo ainda é a forma predominante).

A partir da faixa-etária de 4-5 anos, o DP pleno passa a ocorrer tanto com verbos perfectivos quanto com verbos imperfeitos; o objeto nulo é ainda a forma predominante e a diferença no aspecto do verbo ainda não influencia a preferência por objeto nulo ou DP. De 5-6 anos, no entanto, já podemos ver que o DP pleno ocorre em porcentagem maior com o perfectivo que com imperfeito e, nesse caso, conforme os testes de significância, o aspecto influencia o preenchimento da posição de ODA. Observe que o objeto nulo, com o verbo no imperfeito, pouco varia da faixa de idade dos 2-3 até 5-6, mostrando que o imperfeito

parece, de fato, definir o uso do nulo em posição de ODA, quando temos antecedentes [-a, +e].

Sendo assim, podemos dizer que a correlação entre perfectividade e objeto não está presente inicialmente nos dados de aquisição, mas passa a ser recorrente nos períodos finais da aquisição da linguagem, como podemos ver para os dados da faixa de idade de 5-6 anos. Como também se pode ver, essa correlação encontra correspondência na gramática adulta, com o imperfectivo favorecendo o uso do nulo e o perfectivo favorecendo o uso do objeto preenchido (mais especificamente do DP pleno), para antecedentes [-a, +e].

3.2. EXPERIMENTO 2

3.2.1. OS DADOS INFANTIS

3.2.1.1. MÉTODO

Participantes

O experimento 2 foi aplicado a 30 crianças de 3 a 6 anos de idade, divididas em três faixas de idade: 12 crianças de 3-4 anos (média de 3;5), 8 crianças de 4-5 anos (média de 4;4) e 10 crianças de 5-6 anos (média de 5;7).

Materiais

Exatamente os mesmos materiais empregados para o teste de produção eliciada aplicado para os antecedentes [-a, +e] foram empregados neste experimento, com exceção de que não se usou o fantoche Zezé, apenas a boneca da Emília, para a interação com as crianças. Conforme já dito no experimento anterior, além dos contextos a serem testados, também havia, no experimento, histórias que compunham os distratores. Neste experimento 2, foram testados antecedentes [+a, +e] com formas imperfectivas e perfectivas dos verbos.

Procedimento

O mesmo procedimento, adotado no experimento anterior, foi adotado aqui, à exceção da estorinha contada. O experimentador, com a ajuda de slides em computador, ia contando uma estorinha e, no final, fazia uma pergunta à criança. Um exemplo está abaixo:

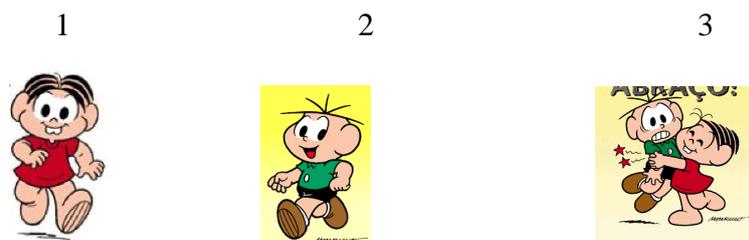


Figura 6 (Casagrande (op.cit.: 191)): Figuras-teste do experimento 2

Exp.: Olha, essa é a Mônica.

Exp.: E esse é o Cebolinha, amigo da Mônica.

Exp.: Diz pra Emília o que a Mônica tá fazendo com o Cebolinha!

Assim como no experimento anterior, neste, a pergunta-teste deixava clara a característica do antecedente (O que a Mônica tá fazendo com o Cebolinha).

3.2.1.2. RESULTADOS

Para responder à pergunta do teste, as crianças utilizaram objeto nulo, DP pleno e pronome lexical. Assim como no experimento anterior, o objeto nulo é quase categórico na primeira faixa etária, diminuindo com o aumento da idade, à medida que o pronome lexical e DP pleno vão ocorrendo, como podemos observar no gráfico 9:

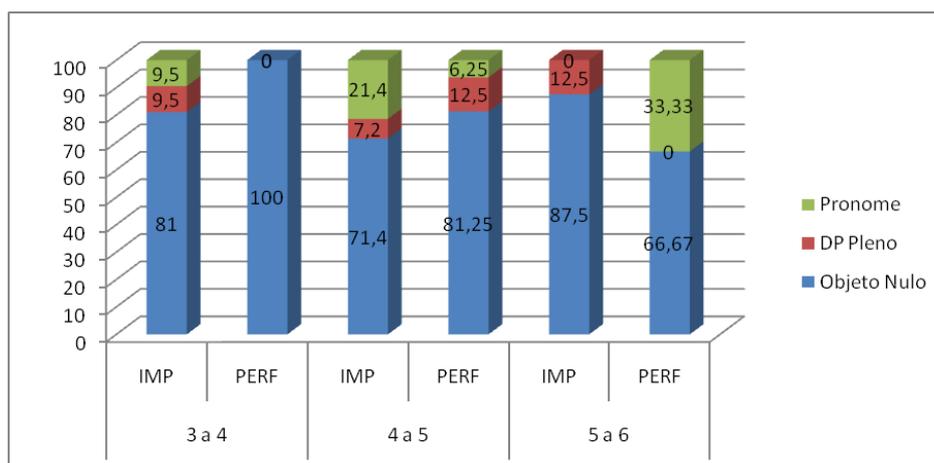


Figura 7 (Casagrande (op.cit.: 192)): Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome lexical para as formas de imperfeito e perfectivo nos dados infantis

O que podemos observar é que, diferentemente dos resultados para o teste anterior, para este,

na faixa-etária de 3-4 anos, o objeto nulo apresenta 100% de ocorrência com o perfectivo, enquanto ocorre em 81% para as formas imperfectivas, já aparecendo o objeto preenchido (DP pleno e o pronome). A perfectividade do verbo, nesta faixa-etária, não interfere na escolha por objeto nulo ou objeto preenchido (dado um valor de $p=0.10$ para o teste de Fisher). Veja que na faixa de idade de 4-5 o objeto nulo já não é exclusividade para o perfectivo, com ocorrência de 18,75% de objetos preenchidos (Dps plenos mais pronomes). No entanto, os valores para objeto preenchido com o imperfectivo (28,6%) ainda são maiores que aqueles para o perfectivo (18,75%). Ainda assim, não há influência significativa do aspecto sobre a opção empregada em posição de ODA, já que o teste de Fisher apontou um $p=0.67$.

Até aqui poderíamos dizer que temos resultados opostos àqueles encontrados no teste anterior, em que o objeto preenchido foi privilegiado com as formas perfectivas do verbo (apesar de que não há significância estatística que sustente essa oposição, há apenas porcentagem maior do uso do objeto preenchido com o imperfectivo). Observando, então, a última faixa de idade analisada, notamos que há uma mudança nos dados infantis, que agora empregam um maior número de objeto preenchido (DPs e pronomes) com as formas perfectivas do verbo. No entanto, ainda não é possível dizer que o perfectivo está influenciando o preenchimento por DP pleno, já que o valor de p , indicativo da influência da perfectividade sobre o elemento anafórico empregado, não se mostra significativo ($p= 0.2326$ para o teste de Fisher).

Como podemos ver, neste experimento em que se testaram antecedentes animados, não nos foi possível identificar uma correlação direta entre perfectividade e objeto nos dados infantis (dado os resultados dos testes estatísticos). Há um comportamento dos dados que é diferente do comportamento encontrado no experimento anterior, em que se testaram antecedentes inanimados. Naquele experimento, a ocorrência dos DPs plenos vai aumentando, gradativamente, sempre em maior número com as formas verbais perfectivas, que com as imperfectivas, até atingir a faixa-etária de 5-6, em que essa preferência é confirmada pelos dados estatísticos. Já no caso dos antecedentes animados, o objeto preenchido ocorre mais com imperfectivos que com perfectivos nas faixas de 3-4 e 4-5 e, somente na última faixa etária, isso se inverte, ainda que a perfectividade continue não desempenhando influência significativa sobre o preenchimento da posição de ODA. Poder-se-ia imaginar que em algum momento, posterior à faixa de idade de 5-6, o número de DPs com perfectivo continue aumentando, até que a correlação entre perfectivo e DP se

estabeleça¹⁹.

Vamos analisar os dados do grupo de controle adulto e observar se os dados da última faixa de idade analisada se aproximam dos dados adultos.

3.2.2. GRUPO DE CONTROLE ADULTO

Participaram deste grupo de controle 9 adultos falantes nativos de PB. As opções utilizadas pelos adultos para responder ao teste foram: objeto nulo, DP pleno e pronome lexical. O resultado para cada opção está no gráfico abaixo:

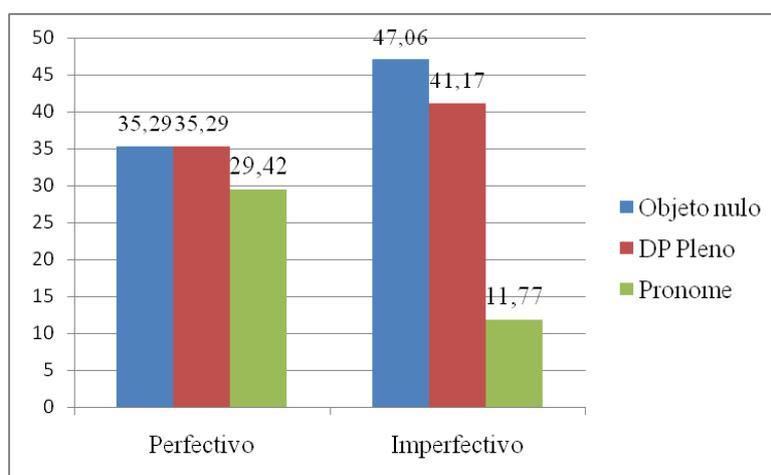


Figura 8 (Casagrande (2010: 194)): Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome lexical com formas perfectivas e imperfectivas nos dados adultos

Como podemos ver, observando o gráfico acima, as diferenças com relação aos usos de objeto nulo, DP e pronome em função da perfectividade não parecem ser muito relevantes para nenhum dos casos. O teste de significância mostrou que a escolha do aspecto verbal não influencia significativamente a opção por objeto nulo vs. objeto preenchido²⁰, o que quer dizer que os elementos anafóricos podem ocorrer igualmente para as formas perfectivas e imperfectivas.

O gráfico abaixo mostra os resultados dos dados infantis ao lado dos resultados dos adultos:

¹⁹ Isso poderá ser verificado na pesquisa de Butzge e Casagrande (em andamento), já que o preenchimento da posição de ODA será investigado com crianças em idade escolar: ensino fundamental e ensino médio.

²⁰ O teste do qui-quadrado nos deu um valor de $p=0.36$.

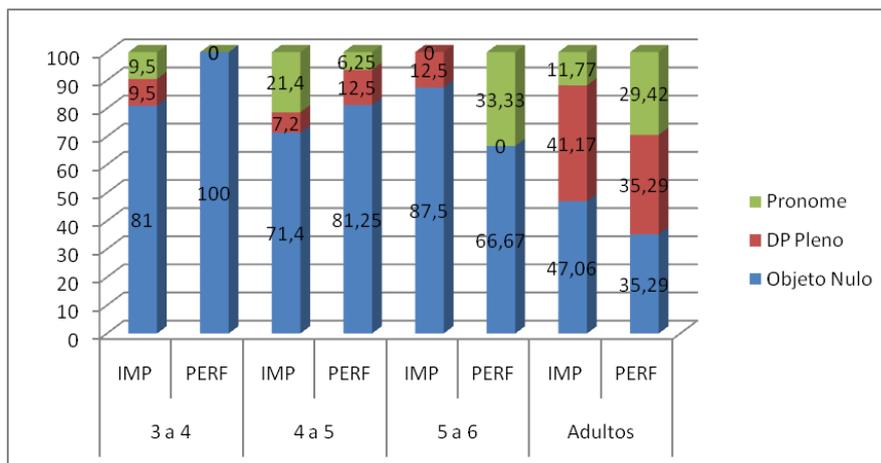


Figura 9 (Casagrande (2010: 195)): Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome para as formas de imperfeito e perfectivo para crianças e adultos.

Como se pode ver, os dados infantis mostram uma ampliação no uso das demais opções (além do objeto nulo), com o decorrer da idade. Como vimos acima, em nenhuma das faixas-etárias em que os dados dos antecedentes animados foram analisados houve influência significativa da perfectividade do verbo sobre o objeto (diferentemente do resultado encontrado para os antecedentes [-a, +e]). Dado que este também é o caso para os dados adultos, então podemos afirmar que a gramática da criança vai na direção de sua gramática adulta, quando os referentes são [+a, +e].

3.3. EXPERIMENTO 3

3.3.1. OS DADOS INFANTIS

3.3.1.1. MÉTODO

Participantes

Participaram deste experimento 15 crianças entre 4 e 6 anos de idade, divididas em duas faixas etárias: 7 crianças entre 4-5 anos (média 4;6) e 8 crianças entre 5-6 anos (média 5;7).

Materiais

Assim como nos outros dois experimentos, para a aplicação deste, lançamos mão de figuras que compunham uma estória que era contada para a criança. As figuras foram mostradas por meio de *slides* em computador. Além delas, uma boneca da personagem Emília, do Sítio do Pica-pau Amarelo, foi utilizada para interagir com a criança. Também como nos outros casos, aqui foram empregados distratores, além das estórias contendo o fenômeno em análise. Foram testados antecedentes [\pm animado] e [-específico], sendo que este antecedente sempre aparecia em número de três ou mais, para que se mantivesse a ideia de não especificidade do antecedente; o antecedente era sempre um nome no singular.

Procedimento

Para a aplicação do teste, lançamos mão de figuras que compunham uma estória que era contada para a criança, do mesmo modo como nos experimentos anteriores. Antes de começar este experimento, nós dizíamos para a criança: “A brincadeira de hoje é a seguinte, eu vou te contar estorinhas. Tu vai ter que prestar bastante atenção por que no final de cada estorinha eu vou te fazer uma pergunta”. Ao final da estória perguntávamos para a criança “o que X sempre faz com Y” para a condição do imperfectivo e “o que X fez com Y” para a condição de perfectivo. Para a condição de imperfectivo temos um exemplo abaixo, retirado de Casagrande (2010: 197-198):

Slide 1 – A Duda adora boneca



Slide 2 – Ela sempre espalha boneca no quarto dela



Slide 3 – E ela também sempre espalha boneca na sala



Slide 4 – O que que a Duda sempre faz com boneca?



Observe que a pergunta-teste faz referência a um antecedente que é [-específico], sendo assim, pudemos testar antecedentes [+a, -e] e observar se há correlação entre perfectividade e objeto também para esses antecedentes.

3.3.1.2. RESULTADOS

As três opções anafóricas (objeto nulo, pronome lexical e DP pleno) foram empregadas pelas crianças neste teste. No entanto, o pronome lexical só foi utilizado para retomada de antecedentes animados. Como para os outros dois experimentos, neste também o objeto nulo vai diminuindo no decorrer do processo de aquisição, com o aparecimento/aumento do DP pleno e do pronome lexical. O gráfico abaixo nos dá os resultados referentes aos antecedentes [-a]:

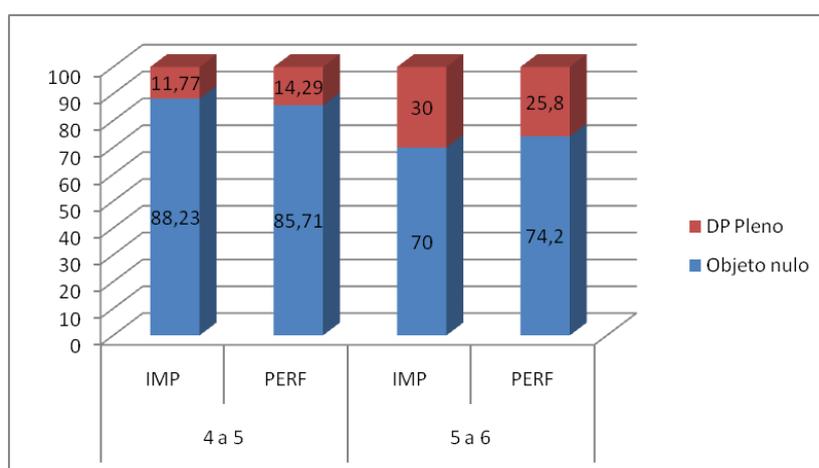


Figura 10 (Casagrande (*op.cit.*: 2011)): Porcentagem de objeto nulo e DP pleno para as formas de imperfeito e perfeito para os antecedentes [-a]

Ao analisarmos os dados do gráfico, notamos que o objeto nulo é predominante tanto com o perfeito quanto com o imperfeito nas duas faixas etárias. O teste estatístico²¹ indicou que a escolha da perfectividade do verbo não influencia significativamente a ocorrência de DP pleno vs. objeto nulo, o que também indica que não há diferenças de uso do DP pleno com perfeito e imperfeito, como encontramos, em alguns casos, nos experimentos anteriores.

Isso nos mostra que, para os dados infantis, no que se refere aos antecedentes [-a, -e], não parece haver correlação entre perfectividade e objeto, já que o objeto nulo predomina sobre o preenchido. Além disso, não há diferença de destaque para uso de DP com imperfeito e perfeito. No entanto, o que se pode ver é um aumento do número de DPs, enquanto o objeto nulo diminui de uma faixa etária para a outra, assim como ocorreu nos experimentos anteriores. Em seguida vamos observar como se comportam os dados adultos neste contexto.

²¹ Para a faixa de idade de 4-5 anos, o teste de Fisher resultou num $p=1$ e para a faixa de 5-6 anos, o teste do qui-quadrado nos deu um valor de $p=0.715$.

Antes disso, vamos aos resultados para os antecedentes [+a, -e].

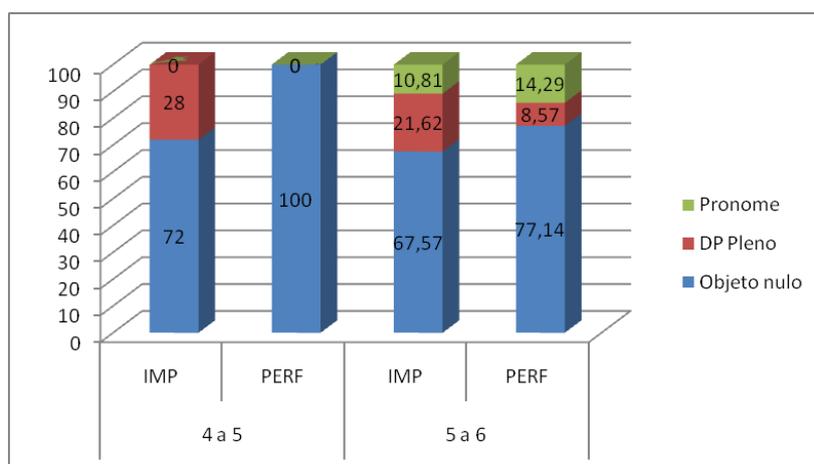


Figura 11 (Casagrande (*op.cit.*: 202)): Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome para as formas de imperfeito e perfectivo para os antecedentes [+a]

Como podemos observar no gráfico acima, dos 4-5 anos, o objeto nulo aparece em 100% das vezes quando a forma verbal é a perfectiva, no entanto, disputa espaço com o DP pleno, quando o verbo é imperfeito. Veja que 28% das retomadas do referente dado com o imperfeito são com DP pleno. Isso dá como resultado o fato de que, de acordo com o teste de Fisher, a perfectividade do verbo influencia o elemento anafórico a ser usado ($p=0.03$), o que indica, que nesses dados dos 4-5 anos, o DP é empregado preferencialmente com o imperfeito, um resultado não esperado, de acordo com nossa proposta de que o verbo na forma perfectiva pode favorecer o uso do DP e na forma imperfeita pode favorecer o emprego do objeto nulo, ainda que sinalize, de alguma forma, a correlação entre perfectividade e o elemento empregado em posição de ODA.

Vamos analisar, então, os dados referentes à faixa-etária de 5-6 anos de idade. Como se pode ver, a porcentagem de emprego do objeto preenchido continua sendo maior para o imperfeito (32,43%), que para o perfectivo, que agora apresenta 22,86% de objeto preenchido. No entanto, não há diferença significativa entre perfectivo e imperfeito neste caso, já que os testes mostraram que não há correlação entre a escolha da perfectividade verbal e o elemento anafórico empregado ($p=0.36$). Sendo assim, a preferência pelo DP pleno com o imperfeito – vista no período de 4-5 – não mais se confirma no período de 5-6 anos de idade.

Apesar de a correlação entre perfectividade e objeto não ter mostrado efeito no último período analisado, é importante frisar que a diferença entre objeto nulo e objeto

preenchido diminuiu de um período a outro e essa queda continua até chegarmos aos dados adultos, como veremos em seguida.

3.3.2. GRUPO DE CONTROLE ADULTO

Participaram do grupo de controle, para este experimento, 7 adultos falantes nativos do PB. O gráfico abaixo mostra os resultados dos adultos para os antecedentes [-a] já comparados aos dados das crianças:

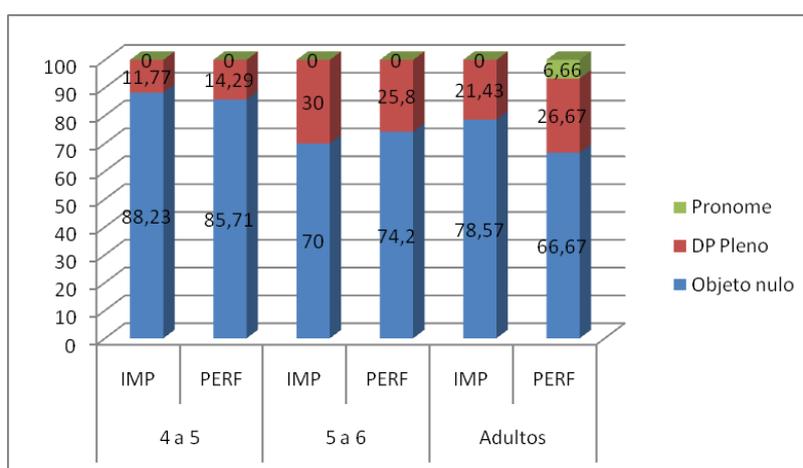


Figura 12 (Casagrande (*op.cit.*: 204)): Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome para as formas de imperfeito e perfectivo para os antecedentes [-a] nos dados infantis e adulto.

Como se pode ver, a diminuição do objeto nulo com o perfectivo continua no grupo de controle adulto, enquanto que DP pleno e pronome lexical aumentam sua porcentagem de ocorrência. Ao contrário, a porcentagem de objeto nulo aumenta um pouco com o imperfeito. Para observar se efetivamente há correlação entre a perfectividade e o objeto, foram realizados testes de significância que indicaram que essa correlação não é significativa nos dados analisados ($p=0.681$ para o teste de Fisher).

Como se pode ver, então, os dados das crianças na faixa-etária de 5-6 anos são bastante próximos dos dados dos adultos, o que indica que a gramática infantil caminha em direção à gramática adulta.

Analisemos, agora, os dados do grupo de controle adulto para os antecedentes [+a, -e]. Enquanto o objeto nulo aumenta um pouco mais com o imperfeito, em relação à última faixa-etária infantil analisada, ele diminui com o perfectivo.

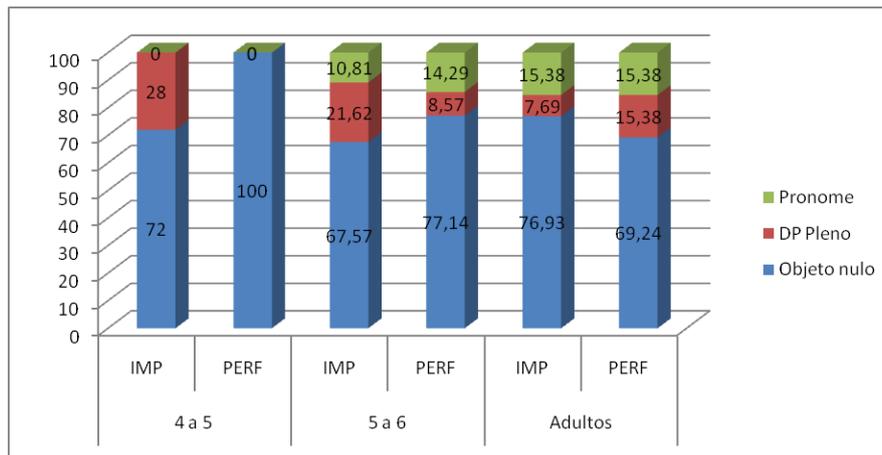


Figura 13 (Casagrande (*op.cit.*: 205)): Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome para as formas de imperfeito e perfeito para os antecedentes [+a] nos dados infantis e adultos.

Ainda, o que podemos ver é que, nos dados adultos, as porcentagens de emprego do objeto preenchido (DP pleno + pronome lexical) são maiores com o perfeito (30,76%), que com o imperfeito (23,07%), diferentemente da faixa-etária de 5-6 anos, o que ainda não é suficiente para que se estabeleça uma correlação entre o perfeito e retomada de elemento em posição de ODA por objeto preenchido, já que o teste de significância estatística não mostrou resultado relevante para a correlação entre perfectividade e preenchimento do objeto. No entanto, o uso do DP pleno com imperfeito, da faixa-etária de 4-5 anos, não se repete nos dados posteriormente analisados, ainda que a correlação entre perfectividade e objeto de fato tenha existido naquele período etário.

3.4. SALDOS DOS EXPERIMENTOS DE PRODUÇÃO ELICIADA

Vamos acompanhar, nas tabelas 4 e 5 abaixo, os resultados gerais encontrados no experimento de produção eliciada e no grupo de controle adulto para a produção eliciada.

Imperfectivo	Perfectivo
[-a, -e]	
4-5 ON – 88,23 DP – 11,77	4-5 ON – 85,71 DP – 14,29
5-6 ON – 70 DP – 30	5-6 ON – 74,2 DP – 25,8
[+a, -e]	
4-5 ON – 72 DP – 28	4-5 ON – 100
5-6 ON – 67,57 DP – 21,62 PRO – 10,81	5-6 ON – 77,14 DP – 8,57 PRO – 14,29
[-a, +e]	
2-3 ON – 100	2-3 ON – 100
3-4 ON – 100	3-4 ON – 93 DP – 7
4-5 ON – 96 DP – 4	4-5 ON – 85,7 DP – 14,3
5-6 ON – 91,67 DP – 8,33	5-6 ON – 77,77 DP – 22,23
[+a, +e]	
3-4 ON – 81 DP – 9,5 PRO – 9,5	3-4 ON – 100
4-5 ON – 71,4 DP – 7,2 PRO – 21,4	4-5 ON – 81,25 DP – 12,5 PRO – 6,25
5-6 ON – 87,5 DP – 12,5	5-6 ON – 66,67 PRO – 33,33

Tabela 4 (Casagrande (*op.cit.*: 206)): Resultados dos experimentos de produção eliciada infantil para cada contexto e faixa-etária testados

Considerando, como já assumido acima, que DP pleno e pronome lexical são opções de objeto preenchido, o único contexto em que o objeto preenchido aumenta no decorrer da idade, e esse aumento sempre é maior com as formas perfectivas que com as imperfectivas, é aquele

em que temos antecedentes [-a, +e]. No caso dos antecedentes [+a, +e], nos dois primeiros períodos etários, o objeto preenchido apresenta porcentagens maiores com o imperfeito. Porém, na faixa de 5-6 anos, o objeto preenchido já está em porcentagens maiores com o perfeito.

Veja que esse é o quadro para os antecedentes [+e]. Já para os antecedentes [-e], o que podemos notar da tabela acima é que as porcentagens de objeto preenchido não são maiores com perfeito que com o imperfeito. Como se pode ver, também para a gramática infantil, assim como nos dados adultos de julgamento de gramaticalidade (discutidos na seção 2), há diferenças entre os antecedentes [+e] vs. aqueles [-e].

Vamos analisar o que ocorre, então, na tabela abaixo, que indica todos os resultados do grupo de controle adulto, para os experimentos de produção eliciada:

Imperfeito	Perfeito
[-a, -e]	
ON – 78,57 DP – 21,43	ON – 66,67 DP – 26,67 PRO – 6,66
[+a, -e]	
ON – 76,93 DP – 7,69 PRO – 15,38	ON – 69,24 DP – 15,38 PRO – 15,38
[-a, +e]	
ON – 67,86 DP – 32,14	ON – 31,43 DP – 65,71 PRO – 2,86
[+a, +e]	
ON – 47,06 DP – 41,17 PRO – 11,77	ON – 35,29 DP – 35,29 PRO – 29,42

Tabela 5 (Casagrande (*op.cit.*: 207)): Resultados do grupo de controle adulto para produção eliciada para cada contexto testado

Como já destacamos acima, o objeto preenchido (em especial os DPs) aparece cada vez mais nos dados infantis à medida que a idade avança, o que nos leva a imaginar que as porcentagens de objeto preenchido com formas perfectivas, entre os antecedentes [-e], deverão, com o tempo, superar o objeto preenchido com formas verbais imperfectivas. Como podemos ver na tabela 5, nos dados adultos, em termos de porcentagens, o objeto preenchido aparece sempre com mais destaque com as formas perfectivas que com as formas imperfectivas do verbo.

Ainda que em termos de significância apenas os dados de antecedentes [-a, +e]

tenham mostrado a influência da perfectividade sobre o preenchimento da posição de ODA de forma categórica, os dados reunidos na tabela acima não deixam de sugerir uma tendência de interferência da perfectividade. Veja que um olhar superficial sobre os resultados da tabela 5 nos mostra não mais que há diferenças em termos de especificidade do antecedente, mas sim em termos de perfectividade do verbo.

Com relação ao objeto nulo, temos novamente uma oposição entre os resultados para antecedentes [-e] e [+e]. Entre os antecedentes [-e], o objeto nulo é a forma predominante, tanto para perfectivos quanto para imperfectivos. Já com os antecedentes [+e], o nulo é maior com imperfectivos com antecedentes [-a, +e] e concorre igualmente com o objeto preenchido no caso de antecedentes [+a, +e]. Já quando o verbo está na forma perfectiva, as porcentagens mostram que o objeto preenchido é predominante em relação ao objeto nulo, que ocorre em porcentagens menores.

Perceba que com 68,57% de objetos preenchidos com o perfectivo, no contexto [-a, +e], já pudemos identificar correlação entre perfectividade e objeto, o que parece indicar que esta correlação não está distante dos antecedentes [+a, +e] (em que temos 64,71% de objeto preenchido). O que poderíamos imaginar, então, é que a perfectividade do verbo aos poucos vá se inserindo como restrição à ocorrência do objeto direto anafórico.

Importante destacar, ainda, que, apesar de não categórica, a correlação entre perfectividade e objeto existe na gramática da criança brasileira e nos mesmos contextos em que se mostrou relevante na gramática adulta. Há neste ponto um fato importante a se destacar: a gramática da criança apresenta resultados que mostram que ela se aproxima da gramática alvo, da qual ela recebe o *input*.

Na seção 1.2, mostramos que a gramática da criança passa por uma mudança, de um período em que produz objetos nulos dêiticos para um em que passa a produzir objetos nulos anafóricos. Além dessa mudança, a análise dos dados experimentais mostrou que parece haver uma segunda mudança, posterior a essa, que direciona a gramática infantil para a gramática adulta.

Por esse motivo, mais do que propriamente encontrar a correlação entre perfectividade e objeto nos dados infantis, é importante identificar se há um padrão na gramática da criança que possa dar indícios do seu desenvolvimento em direção à gramática adulta: os dados mostram que a criança passa de uma fase em que produz apenas objetos nulos anafóricos para outra em que as demais opções anafóricas (DP pleno e pronome) passam também a ocorrer. A análise dos períodos etários mostrou que essa especialização nas formas anafóricas, que apresenta algumas peculiaridades para cada contexto testado, vai cada

vez mais em direção ao que encontramos na gramática adulta.

Em suma, assim como pudemos perceber nos dados de julgamento de gramaticalidade adulto, nos dados infantis e do grupo de controle adulto aqui analisados, ainda que a perfectividade tenha mostrado influenciar o preenchimento da posição de ODA, em alguns poucos casos, novamente é o traço de especificidade que aparece como destaque na determinação do elemento a ser empregado na posição de ODA. Diante disso, é premente continuar a observação sobre as restrições que comandam a posição de ODA em PB, especialmente no que se refere à especificidade²².

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos observar da discussão feita neste artigo, a hipótese aventada inicialmente, de que a perfectividade do verbo esteja interferindo no preenchimento da posição de ODA, não se confirmou categoricamente, ainda que tenha mostrado força em alguns casos. Vimos que os dados de aquisição da linguagem que apresentam esta correlação são também aqueles da gramática adulta. Porém, mais que isso, os dados infantis mostraram que a especificidade do antecedente parece estar figurando como a força maior que determina o elemento a ser empregado na posição de ODA, assim como nos dados adultos.

Como sinalizamos no decorrer do artigo, até então nos estudos que se debruçaram sobre o assunto, especificidade não mostrava tanta força como mostrou nos dados aqui analisados. Por conta disso, no final da seção anterior, destacamos o fato de que é necessário continuar monitorando quais são as restrições que determinam o preenchimento da posição de ODA por objeto nulo, pronome lexical ou DP pleno, especialmente observando o traço de especificidade. Nesse sentido, importante destacar que Butzge e Casagrande (em andamento), ao observar dados de crianças em fase escolar (do primeiro ao nono ano do ensino fundamental e ensino médio), poderão detectar como o traço de especificidade está agindo na gramática do PB, assim como poderão continuar observando se e como perfectividade de fato está influenciando no preenchimento da posição de objeto direto anafórico.

²² Um aspecto a ser considerado é que, em alguns casos, houve números diferentes de informantes para diferentes faixas etárias e mesmo houve diferenças de informantes entre os experimentos, além de, em alguns casos, o número de informantes ser menor que 10. Diante disso, estamos cientes de que talvez nossos resultados possam ter sido influenciados por essas diferenças e que, portanto, eles mostram uma tendência, não podendo, é claro, ser apresentados como categóricos. No entanto, a tendência sinalizada nos resultados nos leva a seguir em frente com as investigações sobre a interferência da perfectividade e da especificidade no preenchimento da posição de ODA, em PB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BUTZGE, C.A.; CASAGRANDE, S. *Mudança linguística, variação e ensino de norma padrão: como a escola concilia esses três aspectos no ensino de língua materna?* Projeto de Pesquisa, UFFS, Realeza, em andamento.
2. CASAGRANDE, S. *A Aquisição do objeto direto anafórico em Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 2007.
3. _____. *A correlação entre aspecto e objeto no PB: uma análise sintático-aquisicionista*. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 2010.
4. CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 1994.
5. _____. *O Objeto nulo no Português do Brasil*. Londrina: UEL, 1997.
6. DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: UNICAMP/Pontes, 1989. p. 19 – 33.
7. LOPES, R.E.V. Katar, Kata, Katou: a aquisição do objeto nulo e sua relação com aspecto. In: CASTILHO, A. et al (org). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes/FAPESP, 2007. p. 673 – 686.
8. _____. Aspect and the acquisition of null objects in Brazilian Portuguese. In.: PIRES, A; ROTHMAN, J. (ed) *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition*. Berlin/NY: Mouton de Gruyter, 2009. p. 105-128.
9. LOPES, R.E.V; CYRINO, S.M.L. Evidence for a cue-based theory of language change and language acquisition: The null object in Brazilian Portuguese. In: GEERTS, Twan; JACOBS, Haïke (Eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 343-359.
10. SCHAEFFER, J. *The Acquisition of Direct Object Scrambling and Clitic Placement*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.
11. WEXLER, K. GAVARRÓ, A.; TORRENS, V. Feature checking and object clitic omission in child catalan and Spanish. In.: Bok-Bennema, R; Hollebrandse, B.; Kampers-Manhe, B (eds.). *Selected Papers from Going Romance 2002*. 2003. Disponível em: <http://seneca.uab.es/ggt/Reports/GGT-03-5.pdf>. Acesso em: 15/04/06

ABSTRACT: Preliminary studies (Cyrino (1997), Duarte (1989)) show that the filling up of the anaphoric direct object (ADO) position in Brazilian Portuguese (BP) depends on the animacy and specificity features of the ADO antecedent. In this paper we raised the hypothesis that the perfective features in the verb also seem to influence the filling up of the ADO position. Therefore, this paper aims to analyze if perfective features in the verb might or might not interfere on the filling up of this position, especially concerning the acquisition process of BP. To do so, we have administered three different experiments of elicited production with 70 children with ages between 2 and 6 years old acquiring BP. Lopes (2009), observing the acquisition of the ADO, has pointed out that there is a change in the child's grammar, which produces only deictic null objects in the beginning. The author has also shown that the null anaphoric is produced as soon as the perfective feature is specified in the grammar. Our results also show that the child's grammar goes through some kind of change in the following path: The child stops producing only null anaphoric objects (with perfective or imperfective verb forms), giving place to full DPs and lexical pronouns, which seem to increase in number when associated to perfective forms; this indicates a clear convergence towards the adult's grammar. However, the most important result to be considered is the fact that the specificity feature (not the animacy one) proved very important in the process, which probably signals new horizons into the investigation of the ADO, in relation to what has been seen in preliminary studies.

KEYWORDS: Language acquisition; Filling up of the anaphoric direct object; Null object; Lexical pronoun.